

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.14022019279-290>

UMA APRECIÇÃO CRÍTICA DE ALFRED STIEGLITZ* A CRITICAL APPRECIATION OF ALFRED STIEGLITZ

Carl Sadakichi Hartmann

Tradução: Antonio Carlos Santos

Deixe a rotina para os tímidos, clareie com um salto o trajeto comum e quando você tiver criado uma trilha onde ninguém pode te seguir; quando você tiver dado vida a uma obra livre, liberta dos grilhões das normas cotidianas, seu lugar será estabelecido e você verá, vindo em sua direção, a glória e a fortuna.

Contos de Hoffmann

Todas as vezes que falei sobre as possibilidades da fotografia se tornar tão independente e artística a ponto de poder reivindicar ser classificada como uma das expressões da arte pictórica, a obra de homens como Robert Demachy e Alfred Stieglitz formavam a base e o ponto de partida de minhas especulações.

Alfred Stieglitz é para mim o principal fotógrafo de arte da América – e digo isso levando em consideração o realismo científico de Eickemeyer e o retratismo decorativo de F.H. Day – um homem cuja personalidade e realizações são dignos de serem tratados pelo crítico com a mesma consideração que a vida e a obra de um mestre da arte. O que diferencia o gênio da pessoa comum e o eleva acima da multidão? Para mim, é o domínio de três dons que também outros possuem, mas não no mesmo grau e juntos, a saber, primeiro, a capacidade de seleção em que as realizações técnicas encontram sua expressão; segundo, a profundidade da emoção que formula a criação da ideia a ser retratada; e, terceiro, a perseverança, em grande parte dependente do temperamento e da constituição.

Na escolha de seu objeto, o fotógrafo é tão artista quanto um pintor, apenas forçado a se limitar, como o pintor de *plein air*, voluntariamente à reprodução das realidades. Ele é obrigado a dominar a ciência da composição, as leis da perspectiva, os efeitos do espaço vazio e da beleza linear, a concentração de luz e sombra e a arte dos valores (particularmente difícil em razão da falta de credibilidade dos valores das cores em fotografia); em suma, ser um conhecedor a tal ponto de saber em que momento perceber um certo sentimento e expressá-lo na chapa. A habilidade de escolher, depois da definição da imagem ter sido satisfatoriamente selecionada e composta, o momento em que as atmosferas e as figuras que passam tenha uma harmonia perfeita com a concepção premeditada, ultrapassa qualquer outro modo de expressar uma ideia artística. Neste momento, o fotógrafo pode mostrar genialidade. Esperar dias, à mesma hora, por um determinado efeito, esperar anos por uma determinada expressão atmosférica e, mais tarde, a revelação da chapa, o processo de reprodução e o não tão válido processo de retoque, demandam principalmente a prática da perseverança com conhecimento, juízo e sorte como guias.

* Este ensaio foi publicado em *The Photographic Times*, n. 30 (jun. 1898), p. 257-62.

Isto é simplesmente para provar que o gênio é possível em fotografia.

Até que ponto Alfred Stieglitz percebe estas condições, vou deixar a cargo do julgamento dos leitores. O campo da crítica é analisar os resultados reais da obra de um artista.

Embora destinatário de muitas medalhas em exposições internacionais, em contato com os fotógrafos de arte mais conhecidos da Europa e reconhecido por eles como seu igual, sempre solicitado pelos profissionais da América para conselhos e críticas, sua posição é a de um solitário, como tem de ser, de um homem que é um desbravador e um pioneiro em uma nova direção da arte.

Sua obra, bastante conhecida dos fotógrafos amadores, permanece em comparação desconhecida não apenas do grande público – facilmente explicável pela indiferença geral em questões de arte – mas também dos artistas que, na média, não desprezam a fotografia como um coadjuvante mecânico para um tipo de plágio da natureza, porém não se dignam a reconhecê-la como uma rival possível em suas produções. Superar este preconceito seria de seu próprio interesse, pois um artista não deveria ser apenas consciente de seus objetivos, mas também dos limites de sua arte, ambos dependentes das mudanças intelectuais da época.

Alfred Stieglitz deu recentemente pela primeira vez ao público em geral a oportunidade de apreciar sua obra ao permitir que a editora de R.H. Russel reproduzisse doze de suas fotografias originais em fotogravura (*Picturesque Bits of New York and Other Studies*).

Temos tantos quadros e ilustrações que parecem fotografia que é revigorante ver uma vez fotografias que parecem de algum modo pinturas.

Embora eu tenha consciência de não poder fazer justiça ao senhor Stieglitz criticando o conteúdo deste livro – percebendo plenamente o quanto se perde no processo de reprodução – seria de toda maneira mais aconselhável do que criticar os originais mesmos, dos quais apenas duas ou três cópias existem e que poucos vão ter a oportunidade de estudar.

O livro contém dois completos fracassos: “The Incoming Boat” (fig. 1), que é em todos os aspectos um lugar comum; e “The Glow of Night” (fig. 2), a Quinta Avenida com uma vista total do Savoy e sua longa série de candelabros refletidos na calçada molhada, que foi totalmente estragada pela tentativa de dar a ela um efeito de cor, uma monotonia barata em amarelo que roubou da imagem, que seria sem isto excelente, toda sua delicadeza e força vibrante. Reproduções de obras de arte são quase sempre enobrecidas com o preto ou pelo menos com uma cor de tom escuro.

“The Old Mill” (fig. 3), um refúgio pitoresco em algum lugar da Floresta Negra, é uma dessas cenas de realismo que se tornam românticas não apenas pela habilidade do artista, mas pelas lembranças que essas paisagens despertam em nós. Mostra composição competente e primorosa gradação de luz e sombra – forte e poderosa no primeiro plano e frágil nas partes mais remotas.

Também “The Letter Box” (fig. 4), duas pequenas camponesas descalças com seus trajes de Baden arrumados, colocando uma carta com a parede diagonal de uma casa, é só um estudo de gênero, uma tentativa de contar uma história que não desperta nenhum interesse especial. Outros homens poderiam ter feito a mesma imagem e eu só estou interessado na parte da obra de uma pessoa que a maioria acharia muito difícil de realizar.

Dos dois estudos de Veneza, os reflexos no canal de um deles, chamado “Reflections” (fig. 5), são por demais grosseiros nos delineamentos e valores para permitir um gozo satisfatório. A água está muito opaca e perdeu em parte todo poder de transmitir fluidez. Creio que é uma das tarefas mais difíceis fotografar reflexos em uma lâmina d’água, pois quase todas as tentativas parecem exageradas e falsas. Que as dificuldades possam ser superadas, Stieglitz o mostra em seu “Bits of Venice” (fig. 6). Uma extensão de água do canal em primeiro plano, perdendo sua perspectiva nas barragens, alinhadas com as gôndolas, de muros caseiros manchados pelo tempo, com uma ponte e a sugestão de uma passagem transversal como fundo. A textura do reflexo é esplêndida, suave, borrada e de múltiplas variações; só quando o céu é refletido no primeiro plano, perde-se um matiz delicado, o que dá um charme especial ao original. A composição da parte superior é perfeita. Dá uma ideia melhor de Veneza do que muitas pinturas. Transmite o verdadeiro espírito de Veneza, essa cidade poética “de fragmentos quebrados e cores lavadas” que reflete em sua melancolia singular a história de um passado suntuoso.

Em seu “Wet Day on the Boulevard” (fig. 7), o fotógrafo tentou uma composição figural em larga escala. Embora não totalmente satisfatória do ponto de vista de um pintor, tem muitas qualidades excelentes. O primeiro plano vazio, a loja de esquina à esquerda, e, principalmente, a vista nebulosa do boulevard com suas charretes é digna de um de Nittis. Uma crítica forte que tenho de fazer é que os pedestres que vêm em direção a nós, atravessando a rua, levantam seus pés de uma maneira que não parece natural, embora a fotografia instantânea tenha provado sem sombra de dúvida a correção desses movimentos fugidios. O problema é que talvez estejamos já muito acostumados à representação de uma tal realidade instantânea para descobrir qualquer beleza nela ou talvez não haja beleza na análise científica de movimentos cujos detalhes nossos olhos não são capazes de relatar. Talvez pedestres mais característicos, uma *grisette* graciosamente levantando suas saias ou qualquer outro tipo característico dos bulevares, pudessem melhorar a imagem.

A rotunda na esquina da Quinta Avenida com a Rua 59, com o Savoy e o Hotel New Netherlands (Reflections Night, fig. 8) como fundo é uma tentativa ousada de fotografia noturna. O efeito é muito lindo, mas um exame mais acurado revelaria seus pretos monótonos, especialmente os galhos desfolhados das árvores formando uma rede confusa que atrapalha.

Um elogio especial deve ser feito, no entanto, ao fotógrafo por descobrir para a arte um dos mais pitorescos lugares da New York noturna. Não conheço uma só pintura em exposições recentes que tente semelhante tema com tanta garra por uma beleza pictórica. É uma lição para nossos pintores que não pode ser subestimada.

“Winter Sky” (fig. 9), um pinheiro solitário em um morro coberto de neve com o sol lutando através de um véu de nuvens e cintilando nos galhos cobertos de gelo. Stieglitz se pôs à prova como virtuoso. O efeito é notável, mas muito próximo da fronteira do sensacionalismo para ser considerada uma obra de arte.

Agora chegamos às três últimas imagens: “On the Seine” (fig. 10), “Scurrying Home” (fig. 11) e “Winter Day” (fig. 12). Elas são, com seu “Net Mender” (fig. 13) (não incluída nessa coleção), uma jovem sentada nas dunas costurando suas redes, um simples poema à natureza como uma tela de Liebermann – as obras primas de sua carreira. Diante delas, a crítica naturalmente fica muda ou se torna em grande parte descritiva, como sempre o faz quando a arte se aproxima da perfeição.

“On the Seine”, uma estrada na margem do rio, com uma série de árvores no meio, se perde em um ângulo obtuso na distância. Um rebanho de cabras se agrupou na estrada, perto do rio. À direita, a vista do Sena, um rebocador com uma fila de barcas e a silhueta dos telhados de Paris à distância. É um quadro decorativo cheio da cadência musical de um dia que termina e aquela atmosfera peculiar que estradas que misturam a cidade e o campo sempre têm para mim. Que paciência o artista deve ter exercitado antes que as cabras se agrupassem de maneira adequada! De fato, o senhor Stieglitz me contou que por mais de uma semana esteve todas as tardes com sua câmera no mesmo lugar, até que, finalmente, viu diante de si o que considerava essencial para a imagem. O grupo de folhas escuras, a margem com gramado ao longo da beira da água e a distância perderam valores na reprodução, mas apesar disso é uma imagem de que meu mestre moderno poderia se orgulhar. É uma composição artística bem equilibrada de rara sugestividade decorativa que mostra que o artista compreende o charme e o poder da beleza linear e espacial. “On the Seine” é um tributo à verdade inegável de que o futuro da arte reside em grande parte na decoração.

“Scurrying Home” poderia ensinar a muitos artistas o que significa uma composição. É mais simples e direta do que a imagem anterior. Duas mulheres holandesas atravessando um areal ermo, com a igreja de Katwyk, que se tornou famosa por pintores modernos, à distância. Que interessante a textura do primeiro plano! Como suas linhas oblíquas cortam bem aquelas linhas de média distância! Como a distância é bem arranjada! E como as figuras são maravilhosamente dispostas, considerando que se tivessem sido fotografadas um segundo antes ou depois a imagem teria sido arruinada. Seu movimento é tão natural quanto pode ser; sugere a tranquilidade do tempo; só os pés da maior delas são de algum modo indefiníveis e as saias de ambas muito opacas. Parece quase impossível em fotografia conseguir sutilezas de tom à Whistler em um objeto escuro. “Scurrying Home” é um ponto de referência no campo da câmera artística e vale sozinha uma viagem à Europa. Muitos artistas, depois de três anos de estadia fora, voltam para casa sem poder mostrar a metade. “Scurrying Home” prova melhor do que qualquer outra fotografia americana que eu conheço as possibilidades da fotografia de arte.

“Winter Day”, uma carruagem abrindo caminho em meio a massas caóticas de neve, é talvez menos pictórica do ponto de vista de um pintor, mas por essa mesma razão mais original e singular do que as outras, porque não nos lembra nada, enquanto a maioria das outras sugere de alguma forma vagas reminiscências de alguma escola de arte. É uma expressão realista de um acontecimento cotidiano da vida metropolitana sob condições atmosféricas especiais, representada fielmente e, no entanto, com perfeita arte. Como um literato, ficaria orgulhoso se pudesse expressar um “Winter Day” em palavras com a mesma força, correção e singularidade como o senhor Stieglitz em sua chapa fotográfica. Suas conquistas nessa imagem não são apenas orientações para fotógrafos amadores, mas para nossa arte americana em geral.

Vamos esquadrihar um pouco mais de perto a personalidade desse homem. Como tantos outros fotógrafos amadores proeminentes, está tão bem situado na vida que pode se permitir uma constante devoção a sua arte, o que é bom não tanto porque o eleva para além dos perigos da ganância (pois a fotografia de arte está ainda naquele estágio idílico em que um valor de mercado de suas produções é algo ainda não ouvido), mas porque o capacita a se deixar levar em experimentos caros que estão totalmente fora das possibilidades da carteira dos simples mortais.

Stieglitz é um homem da universidade; fez três anos de química e fotoquímica na Universidade de Berlim sob orientação de Vogel e Hoffman. É um mestre em sua técnica, embora nunca tenha tentado melhorar seus meios inventando alguma coisa; está satisfeito em fazer o seu melhor na expressão artística.

Viajou bastante, esteve em contato com todas as várias fases da arte moderna e do pensamento artístico e se ligou a um grande número de pintores europeus. Em nossa primeira conversa, me contou que seus pintores favoritos eram Thaulow e Besnard e que ele ia ver a Duse todas as noites e também que era um grande admirador de Yvette Guilbert. Menciona isso só para mostrar que a tendência de sua vida intelectual é estritamente moderna.

Simplicidade é a tônica de sua arte. Reconhece que a “arte está oculta na natureza”, como Dürer disse tão adequadamente e “que aquele que puder dela arrancá-la a terá”. Não tenta idealizar a natureza – veja seus retratos cheios de vigor, à Bonnat, que são semelhanças e não, como tantos outros, caprichos decorativos ou comentários individuais – ele simplesmente representa ideias pictóricas que apresentam a si mesmas de maneira simples e natural. Ele se empenha em representar o espaço e a atmosfera e agrupa suas figuras de acordo com as leis que a própria natureza oferece. Isso parece simples o suficiente mas raramente se encontra na arte moderna. Para o senhor Stieglitz, era necessário desde o início material para um artista, mas ao pegar a câmera e as químicas em vez de pincel e tinta, ele conseguiu encontrar uma nova expressão da arte pictórica elevando-a através de incessantes experimentações a tal altura que não pode mais se manter desconhecida dos artistas. Ele revelou princípios que servem para todas as artes.

O mérito principal da obra do senhor Stieglitz, no entanto, reside na independência ousada que o capacita a resistir a todas as tentações para ultrapassar os limites da fotografia. Nunca utiliza nada além da fotografia “pura e simples” e despreza a ajuda do retoque com o qual Demachy atingiu alguns de seus melhores resultados. Percebe que, para se tornar poderosa e autossustentável, a fotografia de arte deve se basear em seus próprios recursos e não se ornamentar com plumas estranhas de modo a parecer uma gravura, um desenho a carvão ou nanquim ou a reprodução de um mestre antigo.

Tenho confiança de que o senhor Stieglitz vai na direção certa e se ele se liberar também totalmente na concepção e na composição de todas as escolas de arte existentes, se acreditar somente em seu julgamento e em sua experiência e se descobrir para nós em uma série de imagens o pitoresco da cidade de New York, como tenta fazer, ganhará um lugar em nossa vida artística que o historiador da arte do futuro não pode desprezar. De qualquer modo, a última palavra sobre Alfred Stieglitz ainda não foi dita.

Figura 1: The Incoming Boat, Picturesque Bits of New York and Other Studies
Alfred Stieglitz – 1894



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/

Figura 2: The Glow of Night—New York, Picturesque Bits of New York and Other Studies
Alfred Stieglitz – 1897



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/

Figura 3: The Old Mill, Picturesque Bits of New York and Other Studies
Alfred Stieglitz – 1894



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/

Figura 4: The Letter Box, Picturesque Bits of New York and Other Studies
Alfred Stieglitz – 1894



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/

Figura 5: Reflections—Venice, Picturesque Bits of New York and Other Studies
Alfred Stieglitz – 1894



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/

Figura 6: A Venetian Canal (Bits o Venice), Picturesque Bits of New York and Other Studies – Alfred Stieglitz – 1894



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/

Figura 7: A Wet Day on the Boulevard—Paris, Picturesque Bits of New York and Other Studies – Alfred Stieglitz – 1894



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/

Figura 8: Reflections Night—New York, Picturesque Bits of New York and Other Studies Alfred Stieglitz – 1897



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/

Figura 9: A Winter Sky—Central Park, Picturesque Bits of New York and Other Studies
Alfred Stieglitz - 1894



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/

Figura 10: On the Seine—Near Paris, Picturesque Bits of New York and Other Studies
Alfred Stieglitz – 1894



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/

Figura 11: Scurrying Home, Picturesque Bits of New York and Other Studies
Alfred Stieglitz - 1894



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/

Figura 12: Winter on Fifth Avenue (Winter Day), Picturesque Bits of New York and Other Studies – Alfred Stieglitz – 1893



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/

Figura 13: The Net Mender – Alfred Stieglitz - 1894.



Fonte: https://www.sfmoma.org/artist/Alfred_Stieglitz/



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.